

Memória e discurso: a construção do professor grevista a partir de editoriais jornalísticos

Poliana Ferreira dos Santos

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo, Brasil
poli.27@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i3.1563>

Resumo

Este artigo aborda, pelo viés da memória, discursos acerca de greves de professores paulistas que circularam em editoriais de um jornal de grande relevância nacional, a *Folha de S. Paulo*, em sua versão impressa. O objetivo do trabalho é demonstrar de que forma o que é discursivizado no jornal ao longo das greves docentes da rede estadual paulista constitui uma memória da cultura de greve dos professores no estado. E, a partir dessa cultura, almeja-se perceber como se dá a construção de sentidos e juízos de valor referentes à imagem do professor grevista. Para tanto, foram analisados editoriais publicados desde a primeira greve paulista, em 1963, até o movimento docente de 2015. O percurso interpretativo do estudo consiste na mobilização de conceitos discutidos por Bakhtin e o Círculo e dos estudos contemporâneos de Marília Amorim acerca da *memória do objeto*. As análises sugerem que a cultura de greve constituída pelas discursivizações da *Folha* aponta para a valoração do docente inicialmente como uma categoria ordeira, com reivindicações legítimas e, ao longo da constituição da cultura, há uma reapreciação dos docentes como desarticulados, agindo com objetivos políticos e de forma descomprometida com a educação.

Palavras-chave: Análise do Discurso; memória; professor grevista.

Memory and discourse: the construction of the striker teacher from journalistic editorial

Abstract

This article approaches, from the viewpoint of memory, discourses about teachers' strikes from São Paulo that circulated in editorials of a newspaper of great Brazilian relevance, *Folha de S. Paulo* in its printed version. The aim of this work is to demonstrate how the discourse in the newspaper during the teachers' strikes in São Paulo state construct a memory of the teachers' strike culture in the state. And, from this culture, it is desired to perceive how is the construction of meanings and value judgments referring to the image of the striker teacher. For that, we have analyzed editorials published since the first São Paulo strike in 1963 until the teachers' strike of 2015. The interpretation course of the study consists in mobilizing concepts discussed by Bakhtin and the Circle and contemporary studies of Marília Amorim about the *object memory*. The analyzes suggest that the strike culture constituted by *Folha's* discourse-making points to the evaluation of the teacher initially as an orderly category with legitimate demands and, throughout the constitution of the culture, there is a re-evaluation of the teachers as disjointed, acting with political objectives and in a uncommitted manner committed to education.

Keywords: Discourse Analysis; memory; teacher strike.

Introdução

A mídia jornalística ocupa um lugar significativo na sociedade hodierna ao fazer circular discursos construídos a partir dos mais diversos fenômenos que atravessam a atualidade. Em virtude desse considerável papel social, tal campo tem protagonizado uma série de pesquisas no âmbito acadêmico, o que acarreta a produção de diferentes perspectivas para o seu tratamento.

Baseados na concepção discursiva, a qual adotamos, compreendemos a mídia não como mero instrumento informativo, mas com um importante vetor ideológico, visto que, ao propagar dizeres em diferentes momentos históricos, coloca em circulação também opiniões, juízos de valor e visões de mundo, já que, como nos ensina Bakhtin/Volochínov (2014), não há neutralidade na palavra.

Nessa perspectiva, este artigo, que consiste em um desdobramento da nossa pesquisa de mestrado, tem como intuito pensar o discurso jornalístico sobre a relação professor-greve pelo viés da memória. Embora nessa discussão abordemos aspectos que se aproximam da nossa pesquisa, afastamo-nos do foco de nosso trabalho dissertativo ao nos propormos a discutir os valores referentes à imagem do professor grevista postos em circulação a partir de editoriais jornalísticos.

Definimos como principal objetivo deste artigo demonstrar como se constitui a memória da cultura de greve dos professores da rede estadual de São Paulo pelas discursivizações da *Folha de S. Paulo (Folha)*, a partir de editoriais publicados durante greves de professores em diferentes períodos. Intentamos, assim, descrever que tipo de sentidos e valores referentes ao docente ligado a esse movimento são atualizados nos editoriais e como concorrem para a construção discursiva do professor grevista.

Visto que mobilizamos a questão da memória, abordaremos, na análise, editoriais publicados na *Folha* durante as paralisações docentes mais significativas que ocorreram desde 1963, quando a primeira greve foi discursivizada no jornal. Destacamos que o professor do qual tratamos é aquele vinculado à rede estadual paulista de ensino, a quem os editoriais se referem diretamente.

Partimos, neste trabalho, do pressuposto de que a palavra atualiza discursos nos quais estão imbricados índices axiológicos constitutivos de um determinado grupo social, o que fomenta a potencialidade semântica de tais dizeres. Além disso, sustentamos a ideia de que a mídia jornalística se constitui um lugar de memória que, ao fazer circular dizeres acerca do professor grevista nas diversas esferas sociais, não apenas cria representações, como também atribui valores para esse professor.

Na tentativa de melhor organizar o trabalho, levantamos a seguinte questão: *de que maneira as discursivizações sobre as greves de professores da rede estadual de São Paulo, que circularam em editoriais jornalísticos durante diferentes momentos históricos, constituem uma cultura de greve docente no estado paulista?* A fim de respondê-la, realizaremos a análise dos editoriais referentes às greves docentes que foram encontrados na *Folha* e que correspondem aos anos de 1963, 1978, 1984, 1993, 2008, 2010 e 2015.

A partir de um ponto de vista dialógico, o percurso interpretativo do estudo consiste na mobilização de conceitos discutidos por Mikhail Bakhtin¹, como dialogismo e enunciado concreto, tomando aqui os editoriais como enunciados, além da noção de memória do objeto, interpretada por Marília Amorim a partir do legado bakhtiniano.

O fenômeno social da greve foi escolhido por configurar um contexto em que os professores são caracterizados fora do cotidiano escolar, assumindo outros papéis, nos quais aparecem externos ao cerceamento imposto pelo espaço da sala de aula. A opção por trabalhar com a memória e, especificamente, com a memória do objeto, deu-se pelo anseio de recuperar, em um âmbito maior, a historicidade que constitui os dizeres hodiernos. Além disso, o terreno acadêmico ainda é escasso de pesquisas ligadas à memória do objeto.

A escolha do jornal deveu-se à sua grande notoriedade não só no âmbito paulista, mas também nacional. Ademais, a *Folha* possui um acervo digitalizado que nos permite acessar versões anteriores dos jornais impressos publicados desde o surgimento do periódico, o que atende bem ao nosso objetivo, que é trabalhar a memória a partir desse resgate.

Para coligir os editoriais que constituiriam o *corpus*, seguimos algumas etapas: primeiramente foi feito um levantamento acerca das greves docentes que aconteceram desde 1963. Em seguida, buscamos nos acervos dos jornais todos os textos publicados em editoriais com autoria institucional da *Folha* que se referiam diretamente à greve de professores. A partir dessa busca, chegamos a oito editoriais, os quais tomamos como *corpus* neste trabalho.

O professor e a greve na cultura brasileira: discurso e memória

Considerando a importância da história para a Análise Dialógica do Discurso, linha à qual nos alinhamos, e para o tratamento da memória, que aqui nos propomos trabalhar, julgamos pertinente iniciar nossa discussão a partir de um resgate histórico acerca da relação professor-greve. Além disso, pretendemos, nesse momento inicial, recuperar o contexto de produção das discursivizações que analisaremos.

A greve é um movimento que se consolidou de forma mais significativa no cotidiano social a partir do capitalismo. Porém, autores como Leite (1988), Castro (1986) e Oliveira (2008) afirmam que esse fenômeno surgiu bem antes, juntamente com o estabelecimento de relações de trabalho já na Grécia Antiga. Naquele contexto, as manifestações de empregados não eram denominadas “greve”, mas já apresentavam, de acordo com os autores, características semelhantes às atribuídas a esse movimento na atualidade.

Mas foi mesmo o ápice industrial que culminou na propagação de paralisações de trabalhadores, na formação de sindicatos e em “formas de luta” contra os abusos provenientes da exploração capitalista. De acordo com Leite (1988), o cenário industrial levou os trabalhadores, por meio da própria organização dos meios de produção, a se sujeitarem aos interesses capitalistas.

¹ Quando nos referimos a esse autor, consideramos também seu grupo de estudos na Rússia, que ficou conhecido como “Círculo de Bakhtin”.

Embora o movimento grevista tenha se tornado mais comum no âmbito da indústria, a greve não ficou limitada a essa esfera, visto que

[...] com a difusão das relações de produção capitalistas para as demais atividades econômicas, ela foi também se generalizando, atingindo nos dias atuais praticamente todos os setores da economia, como a agricultura, o comércio e os serviços em geral (LEITE, 1988, p. 17).

A greve, como forma de insatisfação, passou a ser comum em outros campos, como no da educação. No contexto paulista, ao qual aqui nos limitamos, a primeira greve docente foi registrada em 1963, de acordo com Kapor (2012), reunindo professores estaduais, municipais e da rede particular.

Ainda durante o período militar, com a consolidação de um sindicato dos professores da rede estadual paulista, a Apeoesp, as mobilizações docentes se tornaram mais frequentes e, dentre elas, destacam-se como movimentos mais significativos os de 1978, 1979, 1984, 1989, 1993, 1995, 1998, 2000, 2008, 2010 e 2015. Tais mobilizações foram discursivizadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* a partir de manchetes, notas, notícias, imagens e editoriais².

Apontamentos teóricos

Visto que nos filiamos à Análise Dialógica do Discurso, cabe-nos discutir alguns conceitos teóricos desenvolvidas por Bakhtin e por outros estudiosos inspirados em suas obras. As noções bakhtinianas aqui tratadas, além de nortear nossa concepção discursiva, embasam a análise do *corpus*.

Antes de tratar especificamente do que elegemos como categorias de análise, acreditamos ser pertinente fazer algumas considerações acerca do gênero discursivo dos textos que analisamos: os editoriais. Bakhtin (2015, p. 282) afirma que os enunciados que produzimos possuem “formas relativamente estáveis” e que nossos dizeres são então moldados em forma de gêneros que podem se estruturar de forma mais “fechada” ou mais flexível.

Dentro de um contexto de produção jornalística, os editoriais constituem um gênero bastante particular especialmente por seu forte caráter opinativo. Charaudeau (2015, p. 235) afirma que o editorial tem caráter de “acontecimento comentado” e traz “um ponto de vista suscetível de esclarecer tanto os acontecimentos considerados os mais importantes da atualidade, quanto os acontecimentos culturais mais recentes”. Nesse sentido, os editoriais estão em diálogo constante com os outros gêneros que circulam no jornal e são produzidos também a partir de fenômenos que emergem na atualidade, como é o caso das greves, constantemente presentes no cotidiano social.

Para a discussão da memória do objeto, noção que guia nosso trabalho, é imperativo tratarmos de questões que fundamentam a noção de linguagem em Bakhtin, como o *dialogismo*. Para o filósofo,

² Para uma pesquisa mais detalhada, consultar o acervo virtual disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>.

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e dos alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). *Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.* (BAKHTIN, 2015, p. 272, grifo nosso).

O dialogismo como princípio da linguagem, proposto por Bakhtin, dá-se em dois níveis: no do enunciado, em que os enunciados produzidos em diferentes condições sócio-históricas mantêm relações; e no nível do sujeito, visto que é a partir da interação com o outro que o uso da linguagem se concretiza e os sentidos são construídos.

Na concepção bakhtiniana, “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2015, p. 274). Considerando, como Bakhtin, que a comunicação se dá por meio de enunciados concretos, compreendemos os editoriais como enunciados situados sócio-histórico-ideologicamente.

A ideologia também é cara ao pensamento bakhtiniano. Ele afirma que a palavra não se limita ao aspecto linguístico, mas é imbuída de valores, visões de mundo e ideologias,

[...] o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 30).

Portanto, consideramos que o enunciado é construído no terreno ideológico. A produção de um enunciado, a resposta à palavra do outro já é uma atitude valorativa do sujeito. Nesse sentido, acreditamos que os enunciados construídos a partir da greve de professores são imbuídos de índices axiológicos que revelam certo posicionamento diante do professor grevista.

Ao recuperarmos enunciados inscritos em diferentes períodos históricos, acreditamos que retomamos também valorações que esses enunciados carregam e que são atualizadas a partir da memória. E é essa memória, não somente linguística ou discursiva, mas uma memória social, ideológica e cultural que aqui nos interessa. Nos pautamos, assim, na noção de uma memória do objeto, da qual nos fala Marília Amorim.

Amorim (2009, p. 12) assevera que

[...] todo objeto de discurso e de conhecimento é portador de memória, pois ao ser falado é, antes de mais nada, já falado por outros que vieram antes de mim. Ao tocá-lo e ao dispô-lo como objeto, coloco em cena imediatamente um universo discursivo que eu atualizo, revivo e retransmito aos que me ouvem [...] meu discurso sobre ele somente faz sentido, ou pelo menos, um sentido pleno e denso, na relação com os outros discursos que o habitam.

Essa memória atravessa as relações entre sujeitos, e é a partir dessas relações que o objeto vai sendo valorado ao longo do tempo. O sujeito que atribui valor a seu dizer não se constitui, necessariamente, uma pessoa empírica, mas pode aparecer a partir de uma

instituição, como o jornal que ao discursivizar, por exemplo, a relação professor-greve, imprime aos dizeres posicionamentos.

Assim, a partir da análise dos enunciados que circularam na *Folha* em diferentes momentos, tentamos demonstrar que tipo de memória do objeto é construída por esse jornal e como, nesses enunciados, são atualizados valores e visões de mundo acerca do professor grevista.

A significação do professor grevista a partir da memória do objeto nos editoriais da *Folha*

Nessa parte do texto, analisaremos os editoriais que circularam na *Folha* durante as greves de professores da rede estadual paulista, demonstrando como se dá a construção de uma cultura de greve docente paulista pelos editoriais.

Em 1963, os professores da rede estadual deflagraram uma greve em outubro, a qual foi pauta de dois editoriais publicados na *Folha*. O primeiro data de 15/10/1963 intitulado *Professores* e versa sobre a decisão dos docentes, tomada no dia da publicação e também “dia dos professores”, de aderir à greve. No texto, é flagrada uma avaliação do jornal acerca da categoria docente e do movimento grevista, por meio de dizeres, como em (01):

- (01) é um gesto de desespero, e **somente o desespero** poderia levar uma **classe tão ordeira** como a do magistério a **tão perigosa** atitude

Considerando, na ótica bakhtiniana, que o enunciar já pressupõe uma posição valorativa, entendemos que a *Folha*, nesse enunciado, valoriza a greve de forma negativa. Essa apreciação materializa-se na caracterização do movimento como “perigoso”, fazer greve é, então, algo que traz riscos e, portanto, deve ser evitado. Essa valoração contrária ao movimento é corroborada na ideia de que a greve é a última instância à qual se deve recorrer, o que é indicado pela ideia de desespero, que aparece como a única justificativa compreensível para os docentes aderirem à greve.

Em contrapartida, a caracterização dos professores como “ordeiros” é indicada como algo positivo, o que deixa flagrar um alinhamento do jornal a um discurso de manutenção da ordem. No enunciado, é sugerido que, por ser uma categoria “tão ordeira”, os professores não deveriam fazer greve, o que sinaliza a valoração da greve como “desordem”.

No mesmo editorial, é apontado certo “desprezo” dos governos para com a categoria docente e a educação de uma maneira geral, como notado em (02) e (03)

- (02) [...] as consequências **do imenso desprezo** que os governos brasileiros manifestam pelos assuntos educacionais
- (03) Não é de hoje que **se relega** ao magistério uma posição de **inferioridade**

Percebemos, nesse enunciado, o tom de crítica do jornal ao governo, principalmente pela afirmação de que a categoria docente é “desprezada” e tratada como “inferior”. O trecho descrito em (04) dá indícios de um posicionamento favorável aos professores, que são valorados como profissionais essenciais para o desenvolvimento social, como no termo em destaque:

- (04) A história mostra que o mestre-escola faz a **grandeza dos países**.

Durante essa primeira greve dos professores estaduais, foi publicado, na *Folha*, também o editorial intitulado *O governo e magistério*, em 17 de outubro de 1963. O texto diz que

- (05) A greve do professorado oficial veio revelar, mais ainda do que as dificuldades peculiares a essa classe, **o grau de deterioração a que chegaram em nosso Estado**.

Notamos nesse editorial novamente o tom de crítica com que o governo do estado é tratado, em especial pela descrição da situação no trecho em destaque. Além disso, em “a greve do professorado oficial veio revelar” deixa ver a valoração da greve docente como uma ação justificável, isto é, na discursivização do jornal, os professores são colocados como vítimas das ações do governo e, por isso, é compreensível que estejam em greve. Também em (06) e (07) percebemos uma valoração negativa do governo por parte do jornal e o alinhamento à causa docente:

- (06) **Não foi feliz o governador** na maneira de enfrentar o problema do magistério. Adotando a atitude personalista que se dispõe a “dar” aumentos de salários como favor pessoal seu.

- (07) **Não descobriu o governo** das metas humanas que o maior investimento é **o próprio homem** e que nenhuma despesa, numa democracia, se transforma em maior benefício que a realizada com **escolas**.

Em agosto de 1978, os professores estaduais deflagraram uma greve que durou 24 dias, o estado paulista era então governado por Paulo Egydio Martins. Durante esse movimento, a *Folha* publicou o editorial *O real e o irreal*, em 25/08/1978, no qual tratava da situação da greve docente e das negociações entre os professores e o governo estadual. O enunciado começa descrevendo os “prejuízos” da ação grevista no âmbito social, como em (08).

- (08) **Aproximadamente** 1500 escolas **estariam** paralisadas

Embora o trecho evidencie a paralisação das escolas, o advérbio de modo “aproximadamente” sinaliza uma dúvida com relação ao número de escolas paralisadas. Ademais, o uso do verbo destacado no futuro do pretérito indica a incerteza com relação à concretização da paralisação. Esses índices sugerem certa dubiedade com relação aos prejuízos causados pela greve docente. No mesmo editorial, aparece a seguinte afirmação:

- (09) Deixamos claro que a **continuação da greve não seria proveitosa** para os professores

O trecho em destaque sinaliza, por meio da materialidade da palavra, uma valoração da greve como um movimento que não deve ser mantido. A opção pelo adjetivo “proveitosa” dá pistas de que a greve não traria ganhos aos docentes, portanto, o ideal seria cessá-la. Nesse enunciado, notamos a reacentuação da apreciação negativa do movimento grevista por parte do jornal, porém de uma maneira diferente dos editoriais de 1963.

No final do editorial de 1978, a afirmação (10) dá vistas à valoração da greve dos professores como um movimento “injustificado”, como se não houvesse uma pauta que legitimasse a greve docente:

- (10) para dar **real legitimidade e convincente justificativa** ao seu movimento, no que respeita às reivindicações estritamente salariais, os professores se vêm agora na contingência de apresentar à população **motivos mais convincentes** para o seu protesto

Os termos em destaque indicam uma valoração da *Folha* de que a reivindicação da categoria docente no âmbito salarial já estaria atendida e que, portanto, a greve não se constituiria mais um movimento legitimado, justificado.

Durante a greve de 1984, que aconteceu no mês de abril e teve duração de três semanas, de acordo com a página oficial do sindicato dos professores estaduais, a *Folha* publicou o editorial *Educadores em greve*, em 07/04. No texto, o jornal discorre sobre a situação do movimento e o “embate” entre os professores grevistas e o governo do estado paulista. O tom valorativo na enunciação jornalística fica evidente em (11):

- (11) São demandas reconhecidas por todos como **inequivocadamente justas**

No trecho, a caracterização das demandas docentes como “justas”, além da intensificação dessa adjetivação pelo termo em destaque “inequivocadamente” dão pistas de uma valoração do jornal de reconhecimento do caráter “justificável” do movimento docente. Há, então, nesse enunciado, uma reapreciação da greve dos professores como uma ação sustentável. Em (12), há uma avaliação positiva da *Folha* com relação à mobilização:

- (12) O movimento grevista [...] tem revelado um **alto grau de mobilização e organização**, destacando-se o caráter **absolutamente pacífico e ordeiro** de todas as manifestações realizadas até agora

Notamos que a valoração dada ao objeto se materializa nas opções lexicais do enunciado, como os intensificadores “alto grau” e “absolutamente”, que aparecem em destaque. A descrição do movimento como “organizado”, “pacífico” e “ordeiro” dá pistas de uma valoração positiva do jornal com relação à greve de professores. Podemos dizer que há um movimento de reapreciação da ação grevista, visto que, no editorial de 1963, os professores eram valorados como “ordeiros” e a greve seria uma “atitude de desespero”, uma ação “desordeira”. Em (13), há indícios de um alinhamento do jornal aos docentes grevistas, uma vez que o trecho destacado funciona como uma justificativa para a ação dos professores de “culparem” o governo de então pelos problemas no âmbito educacional:

- (13) A categoria que tende – **o que é normal nessas ocasiões** – a imputar aos atuais ocupantes do poder público toda a responsabilidade por uma série de desmazelos

Podemos dizer que a enunciação da *Folha* dá vistas a uma apreciação positiva da categoria docente, que é valorada como um grupo que apresenta uma causa justificável. Notamos, então, uma reapreciação também com relação à categoria.

No ano de 1993, os professores da rede estadual deflagraram greve em 18/08 a qual permaneceu até 04/09, totalizando 79 dias de paralisação. Durante esse movimento foi publicado, na *Folha*, um editorial que, embora citasse a greve, não tratava especificamente dela, mas do cenário educacional como um todo. O texto intitulado *Eficiência na educação* data de 03/09/1993 e discorre acerca da situação da educação no estado paulista e no Brasil, descrevendo-a como em situação de crise, de acordo com o exposto em (14):

- (14) o que se assiste é uma sucessão de **crises** que só ressaltam a **perversa deterioração** por que passa o ensino no Brasil

Além de caracterizar a educação no Brasil como “em crise”, a *Folha* evidencia a situação por meio da materialidade “perversa deterioração”, o que intensifica o caráter negativo do contexto educacional brasileiro na época. Citando a greve dos professores estaduais em (15), o jornal afirma que

- (15) a greve da rede estadual de SP, que entra hoje no seu 17º dia, é **só um exemplo**.

Ao apresentar a greve docente como um exemplo da situação educacional descrita pelo jornal, a *Folha* dá pistas de uma valoração do movimento como justificável. Há, então, uma reacentuação da greve docente como um movimento que tem motivação: o cenário crítico da educação.

Em junho de 2008, quando o estado de São Paulo era governado por José Serra, os professores da rede estadual deflagraram uma greve que durou 22 dias. De acordo com a página do sindicato, os docentes reivindicavam “a revogação do Decreto 53.037, que propunha a avaliação excludente dos admitidos em caráter temporário”³. Durante essa greve, a *Folha* publicou, em 18/08, o editorial “Mais uma greve”, a partir do qual comenta o início do movimento docente.

O título do texto, a partir da expressão “mais uma” indica a recorrência do movimento e convoca um discurso como “outra greve; de novo uma greve de professores”, que já nos sugere um caráter axiológico que trata os professores grevistas como insistentes em um movimento, de certa forma, desnecessário, o que é reforçado ao longo do texto. No enunciado da *Folha*, notamos que o jornal trata a categoria docente como desarticulada, haja vista a baixa adesão à greve que fica evidente em (16) e (17).

- (16) uma **ínfima parcela** de 230 mil mestres aderiu ao movimento

- (17) As paralisações sucessivas decerto não constituem o **único** fator a perturbar as **já** deficientes aulas

Os termos grifados indicam que a paralisação dos professores é pequena e, portanto, não é a causa da deficiência das aulas, apenas agrava essa situação. Em seguida, a *Folha* aponta uma das causas dessa “deficiência” em (18):

- (18) a elas devem somar-se um **nível absurdo** de absentismo docente

a partir do qual o jornal convoca um discurso que valora o docente como faltoso e descomprometido já que se ausenta com frequência das aulas; tal intensidade é indicada na expressão em destaque.

Essa significação do professor da rede estadual descomprometido com o aluno e a educação de uma maneira geral é reforçada em (19):

- (19) o sindicato dos professores não hesita em **prejudicar os alunos** com uma nova greve; sempre defenderam o duvidoso **direito de ficar faltando** e agora reivindicam a manutenção do privilégio de transferir-se a qualquer tempo

³ Página da Apeoesp: <<http://www.apoesp.org.br/>>.

Nesses dizeres da *Folha*, notamos também uma valoração das reivindicações docentes como ilegítimas, como se os professores não tivessem uma causa definida para defender e fizessem greve por “qualquer coisa”. Considerando as discursivizações da *Folha*, por meio dos editoriais publicados como constituindo uma cultura de greve docente, notamos uma reapreciação do movimento, que é valorado em 2008 como não sendo justificável, diferentemente dos efeitos de sentido suscitados nos enunciados anteriores.

A greve de 2010 foi deflagrada em março e durou 35 dias. Os editoriais que circularam nesse período enfatizaram o embate entre governo e grevistas, colocando-os como oponentes. No editorial *Dois colunas* (*Folha* 31/03/2010), o jornal também evidencia o caráter fragilizado da categoria docente e a insistência dos professores em um movimento fragilizado, como é sugerido pelo teor semântico do termo em destaque em (20):

(20) [greve] que **se estende** há três semanas

A escolha pelo termo “se estender” revela uma posição apreciativa de um movimento fragilizado, como se estivesse “se arrastando”. Também em (21):

(21) **parte** dos alunos da rede estadual se vê, enquanto isso, prejudicada

A expressão em destaque indica a parcialidade dos docentes envolvidos no movimento e a conseqüente sutileza com que a greve atinge a sociedade.

Os dizeres da *Folha* ao longo do editorial indicam ainda que os docentes fazem greve com objetivos políticos, como é destacado no início do texto em (22), (23) e (24):

(22) não restam dúvidas [...] quanto ao **caráter eminentemente político** da greve dos professores

(23) trata-se, como disse a presidente da Apeoesp[...] de quebrar a coluna do governador

(24) **interesse** partidário da liderança sindical

Embora, a partir dos termos em destaque, a *Folha* indique que o sindicato especificamente age com interesse políticos, não há referência, ao longo do texto, a outros professores que estejam engajados na greve e não façam parte do movimento sindical. Portanto, entendemos que a *Folha* parece “apagar” a imagem do professor grevista, reduzindo-o ao sindicato, que, de acordo com o jornal, está mais preocupado com interesses políticos e pessoais do que com interesses públicos a fim de melhorar a qualidade da educação. Nas discursivizações de 2008 e 2010, notamos uma mudança no modo de enunciar da *Folha* acerca da greve de professores, que aparece agora como um movimento sem causa plausível. No editorial de 2008, percebemos uma reavaliação da greve e dos docentes de forma negativa, e em 2010 há uma reacentuação dessa valoração, que se concretiza por diferentes materialidades.

Em 2015, o estado paulista presenciou a “greve mais longa da categoria” (*Folha*, 13/06/2015). Nessa paralisação, as reivindicações docentes consistiam, dentre outras, em um aumento de 75% de salário, de acordo com o editorial *Dividir e subtrair*, publicado pela *Folha* em 08/06/2015. Nesse editorial, há uma reacentuação na valoração dos professores, que são descritos como “militantes” em (25):

(25) composta por 230 mil pessoas, vê seu futuro comandado **por algumas centenas** de **militantes**

No editorial de 2015, o jornal volta a evidenciar a falta de adesão ao movimento e o caráter desordeiro das manifestações promovidas pelos professores. Em (26)

(26) os professores estão **divididos**, os mais **tresloucados** entre os que ainda comparecem às assembleias

Percebemos, a partir do primeiro termo grifado, uma divisão na categoria docente, significando os professores como desarticulados e, por isso, fracos na sustentação da greve. O adjetivo “tresloucados” caracteriza os professores ainda adeptos à greve como “desprovido[s] de juízo; desvairado, maluco” (MICHAELIS, 2015, [n.p.]), indicando que o professor, ao persistir em uma greve, aparentemente “perdida”, como sugere o jornal, está fora da razão.

No texto, os dizeres da *Folha* dão pistas da característica “desordeira” e até “violenta” dos professores grevistas como em (27) e (28)

(27) o aspecto mais lamentável dos **sopapos** e **pontapés** trocados por professores paulistas em greve

(28) docentes amotinados tentaram **invadir** e **vandalizaram** a entrada do prédio

A partir dos termos destacados, notamos que os professores são valorados como “desordeiros”, característica que não condiz com a função social docente.

Nos enunciados, é destacado que o docente da rede estadual, ao fazer greve, não tem como prioridade a melhoria na educação, mas se volta a outros interesses “corporativos”, de acordo com o jornal, e acaba afetando os alunos, que deveriam ser o alvo de interesse docente. Em (29),

(29) **Mestres** que se dispõem a subtrair de seus alunos quase três meses de aula patenteiam que o aprendizado não coroa sua escala de prioridades

A escolha pelo termo “mestre” ao invés de “professor” ou “docente” potencializa semanticamente a função socialmente estabelecida do educador, que coloca como prioridade a educação e o aluno, diferente do professor grevista valorado pela *Folha*.

A cultura de greve construída a partir dos enunciados da *Folha* mostra que, inicialmente, a categoria docente é considerada “ordeira”, “mobilizada” e “organizada”, como nos editoriais de 1963 e 1984. Porém, ao longo dos movimentos, é possível notar uma reapreciação dos docentes que passam a ser valorados, nas discursivizações do jornal, como uma categoria “dividida”, “desarticulada”, com “interesses políticos” e “reduzida a um sindicato de professores” que insiste em greves sem sucesso. Essa forma como a *Folha* vem significando o docente grevista nos permite dizer que, em discursos anteriores, o jornal se alinhava ao professor grevista, mas a partir de 2008, a reavaliação do movimento e do docente deixa ver um desalinhamento do jornal à greve.

Considerações finais

Nos enunciados que circularam em diferentes contextos históricos, percebemos a construção da cultura de greve na qual o professor é valorado primeiramente como ordeiro, mobilizado e organizado. No decorrer dos movimentos, há uma reapreciação do jornal, e o valor que passa a estruturar a enunciação é do docente como adepto a uma causa deslegítima, fraca, sem adesão, sem notoriedade, a qual é sustentada principalmente pelo sindicato, que apresenta interesses políticos. Além disso, o jornal enfatiza a falta de comprometimento do professor da rede estadual, visto que, ao faltar às aulas e ao aderir à greve, ele afeta o aluno.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 08-22, jul. 2009.
- _____. Linguagem e memória como forma de poder e resistência. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 19-37, jul./dez. 2012.
- BAKHTIN, M. M./VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- CASTRO, P. *Greve: fatos e significados*. São Paulo: Ática, 1986.
- CHARAUDEAU, P. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2015.
- Derrotados, professores encerram greve mais longa da categoria em SP. *Folha de São Paulo*, 13 jun. 2015.
- Dividir e subtrair. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 08 jun. 2015.
- Duas colunas. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 31 mar. 2010.
- Educadores em greve. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 07 abr. 1984.
- Eficiência na educação. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 03 set. 1993.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- GEROLOMO, A. C. *Trabalhadores do ensino e Apeoesp: uma relação de conflito*. São Paulo: Annablume, 2009.
- KAPOR, T. S. Da criação à primeira greve do magistério – Apeoesp na sua primeira fase. *IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”* – UFP, 2012.
- LEITE, M. P. *O que é greve*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Mais uma greve. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 18 ago. 2008.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Versão *online*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

O governo e o magistério. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 17 mar. 1963.

OLIVEIRA, L. Uma brevíssima história da greve. *La Insignia*, março de 2008. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2008/marzo/soc_005.html>. Acesso em: 02 mai. 2016.

O real e o irreal. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 25 ago. 1978.

Professores. [Editorial]. *Folha de São Paulo*, 15 out. 1963.

Recebido em: 15/08/2016

Aprovado em: 07/12/2016